

## Procrastinação Acadêmica: Contribuições de Variáveis Demográficas e da Ansiedade Cognitiva de Provas em Universitários Brasileiros

### Academic Procrastination: Contributions of Demographic Variables and Cognitive Test Anxiety in Brazilian University Students

### Procrastinación Académica: Contribuciones de las Variables Demográficas y la Ansiedad Cognitiva de los Exámenes en Estudiantes Universitarios Brasileños

Gleyde Raiane de Araújo  
Gustavo Oliveira de Araujo  
Faculdade Ieducare (FIED)

Paulo Gregório Nascimento da Silva  
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

André Sousa Rocha  
Jocélia Medeiros Ximenes  
Centro Universitário Inta (UNINTA)

Laís Renata Lopes da Cunha  
Paloma Cavalcante Bezerra de Medeiros  
Emerson Diógenes de Medeiros  
Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr)

#### Resumo

O presente estudo teve como objetivo verificar em que medida a ansiedade cognitiva de provas explica a procrastinação acadêmica, controlando o efeito influência das variáveis sexo e idade, em universitários da região Nordeste. A amostra contou com 570 universitários ( $M_{idade} = 22,43$ ;  $DP = 5,43$ ; com idades variando de 18 a 56 anos). Esses eram em maioria mulheres (59,5%), de instituições públicas (59,8%), que cursavam em maioria Psicologia (41,8%) e Fisioterapia (11,1%). Utilizou-se a Escala de Ansiedade Cognitiva de Provas, a Escala de Procrastinação de Tuckman e questionário sociodemográfico. Por meio do SPSS, foram realizadas análises de correlação e regressão linear hierárquica. Os resultados indicaram que ansiedade cognitiva de provas e idade contribuíram para a explicação da procrastinação acadêmica, não sendo significativa a contribuição da variável sexo. No modelo final, o conjunto de variáveis explicou 18% da variação total. Conclui-se que o componente cognitivo da ansiedade de provas funciona como fator de risco para o comportamento procrastinador no contexto acadêmico, principalmente em universitários mais jovens.

*Palavras-chave:* ansiedade de provas, procrastinação, universitários

#### Abstract

The present study aimed to investigate the extent to which cognitive test anxiety explains academic procrastination, while controlling for the influence of gender and age variables, among university students in the Northeast region. A sample of 570 university students ( $M_{age} = 22.43$ ;  $SD = 5.43$ ; ranging from 18 to 56 years old) was included. The majority were women (59.5%), enrolled in public institutions (59.8%), with Psychology (41.8%) and Physiotherapy (11.1%) being the most common majors. The Test Anxiety Scale, Tuckman Procrastination Scale, and a sociodemographic questionnaire were used. Correlation and hierarchical linear regression analyses were conducted using SPSS. The results indicated that cognitive test anxiety and age contributed to explaining academic procrastination, with the contribution of the gender variable not being significant. In the final model, the set of variables explained 18% of the total variation. It is concluded that the cognitive component of test anxiety serves as a risk factor for procrastination behavior in the academic context, particularly among younger university students.

*Keywords:* test anxiety, procrastination, university students

#### Resumen

El presente estudio tuvo como objetivo verificar en qué medida la ansiedad cognitiva ante los exámenes explica la procrastinación académica, controlando el efecto de las variables de género y edad, entre estudiantes universitarios en la región Nordeste. Se contó con una muestra de 570 estudiantes

universitarios ( $M_{edad} = 22,43$ ;  $DP = 5,43$ ; con edades que oscilan entre 18 y 56 años). La mayoría eran mujeres (59,5%), matriculadas en instituciones públicas (59,8%), y cursaban principalmente Psicología (41,8%) y Fisioterapia (11,1%). Se utilizaron la Escala de Ansiedad ante los Exámenes Cognitivos, la Escala de Procrastinación de Tuckman y un cuestionario sociodemográfico. Se realizaron análisis de correlación y regresión lineal jerárquica utilizando SPSS. Los resultados indicaron que la ansiedad cognitiva ante los exámenes y la edad contribuyeron a explicar la procrastinación académica, sin que la contribución de la variable de género fuera significativa. En el modelo final, el conjunto de variables explicó el 18% de la variación total. Se concluye que el componente cognitivo de la ansiedad ante los exámenes funciona como un factor de riesgo para el comportamiento procrastinador en el contexto académico, especialmente entre estudiantes universitarios más jóvenes.

*Palabras-clave:* ansiedad por los exámenes, procrastinación, estudiantes universitarios

## Introdução

A inserção no ensino superior conduz o estudante a uma nova configuração social e acadêmica, resultando em alterações que geram estresse e impactos psicológicos negativos (Kuftyak, 2021). Dito isso, sabe-se que, em contextos acadêmicos, especialmente os universitários, podem suscitar emoções negativas, como a ansiedade; principalmente em situações específicas, como as que envolvem avaliações ou provas. Isso pode funcionar como fator de risco para comportamentos desadaptativos, como a procrastinação (Silva et al., 2023; Yang et al., 2021), configurando-se como um desafio comum entre os estudantes e causando problemas significativos, como o fracasso acadêmico (Bolbolian et al., 2021).

Nesse sentido, a procrastinação é considerada um fenômeno psicológico contemporâneo, definido como a propensão do indivíduo a adiar e postergar a finalização de projetos e tarefas importantes (Silva et al., 2023). Isso pode causar danos tanto na vida profissional e acadêmica quanto pessoal (Randelović et al., 2021). Nesse sentido, estima-se que entre 50% e 90% dos estudantes universitários são propensos a essa conduta (Kuftyak, 2021).

A Procrastinação Acadêmica (PA) refere-se a uma característica situacional, que ocorre em um domínio específico, ou seja, no contexto acadêmico universitário (Ocansey et al., 2022). A PA pode ser definida como um atraso irracional ou adiamento voluntário para o início e/ou conclusão de tarefas acadêmicas importantes, mesmo sabendo que são necessárias, previstas e com um prazo específico para sua conclusão (González-Brignardello et al., 2023; Silva et al., 2023). Devido a isso, a PA é considerada uma falha no processo de regulação comportamental, que se relaciona aos mecanismos de autocontrole e disciplina diante dos estudos (González-Brignardello et al., 2023). Esse comportamento pode ser prejudicial para o bem-estar e desenvolvimento do estudante, uma vez que compromete o desempenho e o sucesso da atividade em execução (Rahimi et al., 2023).

Essa conduta é compreendida como uma resposta de evitação às emoções negativas, a exemplo da ansiedade (Oflazian & Borders, 2023), que, em âmbito universitário, é comumente expressa em contextos avaliativos ou de provas acadêmicas (Silva et al., 2023). Especificamente, a Ansiedade de Prova (AP) se refere a um tipo específico de sintomatologia ansiosa (situacional), apresentando-se como um estado afetivo transitório que é evocado apenas em situações específicas de provas (Tan & Pang, 2023), e nas quais a avaliação do desempenho é percebida pelo indivíduo como ameaçadora (Huntley et al., 2022).

Em suma, a AP é considerada um construto multifacetado, abrangendo aspectos como: a) cognitivo, referente a pensamentos sobre um possível fracasso ou mau desempenho nas provas), b) emocional, que inclui reações fisiológicas, tensão, agitação emocional e ansiedade, e c) comportamental, que inclui comportamentos realizados antes e durante a situação

de prova que levam ao declínio do desempenho (Bolbolian et al., 2021). Nesse contexto, são manifestados tanto os comportamentos relevantes para a tarefa (por exemplo, focar a atenção na tarefa) quanto o comportamento irrelevante para a tarefa (por exemplo, passar rapidamente os olhos pelas questões ou exercícios) (Medeiros et al., 2020; Silva et al., 2023; Tan & Pang, 2023).

Ademais, apesar de ser considerado um fenômeno multidimensional, estudos têm apontado que a dimensão cognitiva (normalmente referida como preocupação) é um componente que pode influenciar de maneira significativa o desempenho dos alunos (Medeiros et al., 2020; Silva et al., 2022). Essa dimensão se refere a processos cognitivos, relacionados a sentimentos de despreparo e preocupações com as consequências negativas de uma possível reprovação (Jerrim et al., 2023). Nesse ínterim, devido à amplitude e complexidade dos processos que compõem a dimensão preocupação, esse construto tem ganhado destaque na literatura, sendo também conhecido como ansiedade cognitiva de provas (ACP) (Stefan et al., 2020), que se refere a uma reação emocional e afetiva, a qual surge acompanhada por preocupações persistentes sobre o fracasso e suas consequências (Putwain et al., 2023).

A ACP é composta por reações cognitivas dos indivíduos a situações avaliativas e ao diálogo interno em relação a essas situações, tanto nos momentos anteriores como durante e após as provas, sendo essa uma das conexões mais fortemente relacionadas ao desempenho nas avaliações em estudantes do ensino superior (Gyasi & Bedu-Addo, 2023). Nesse sentido, entende-se que ACP é um evento multicausal que é influenciado por fatores, como a criação de autocrências negativas, que podem influenciar na gravidade da ansiedade. Por exemplo, alunos com crenças de baixa competência antecipam o fracasso por influência de pensamentos catastróficos e negativos sobre o provável insucesso e suas consequências e acabam experimentando ansiedade em níveis elevados (Putwain & Aveyard, 2018).

A ACP ocasiona uma “interferência cognitiva”, resultando em dificuldades de concentração, problemas de memória e uma sensação de “dar branco” durante a prova (Putwain et al., 2023). Dessa forma, indivíduos com altos níveis de ACP tendem a ter um rendimento insatisfatório nas provas (devido a habilidades de codificação e armazenamento ruins) que compromete o desempenho ideal (Stricker et al., 2022). Além disso, os declínios no desempenho são atribuídos a uma junção de elementos, como a incapacidade de processar ou recuperar efetivamente as informações necessárias, além de ansiedade elevada provocada pela autopercepção de ausência de preparação ou de habilidade (Medeiros et al., 2020; Silva et al., 2022).

Esses processos cognitivos associados aos sintomas de ansiedade provocam uma mudança atencional para informações irrelevantes, dificultando o foco no que é pertinente para a tarefa, prejudicando, assim, o desempenho acadêmico (Möcklinghoff et al., 2023). Assim, para reduzir a sintomatologia ansiosa, o indivíduo opta por procrastinar atividades acadêmicas (Bolbolian et al., 2021). Nesses casos, a procrastinação pode ser entendida como uma resposta comportamental de evitação para ACP. Sendo assim, a PA não é apenas um *deficit* nos hábitos de estudo ou gerenciamento do tempo, mas uma interação complexa de componentes cognitivos, comportamentais e afetivos. Nesse sentido, mesmo apresentando resultados negativos, como decréscimos no desempenho acadêmico (Silva et al., 2020), a PA é considerada um comportamento difícil de se modificar, por proporcionar conforto temporário e alívio em curto prazo (Fortes & Barbosa, 2018).

Entretanto, apesar da ansiedade em situações avaliativas e da PA se mostrarem relevantes entre universitários, como demonstram pesquisas prévias, ressalta-se que estudos sobre a temática ainda são escassos no Brasil, carecendo de evidências empíricas (Couto et al., 2020; Medeiros et al., 2020; Silva et al., 2022), somadas à verificação da influência de outras variáveis na explicação do comportamento procrastinador. Nesse âmbito, tem-se observado que as características pessoais, como traços de personalidade ou variáveis demográficas, podem ajudar na explicação dessa conduta (Silva et al., 2020, 2022, 2023). Em relação aos antecedentes, verifica-se que variáveis demográficas, como idade e gênero, podem ajudar a explicar a conduta de PA. Estudos como o de Danne et al. (2024) sugerem uma diminuição da procrastinação ao longo da vida adulta, com grupos mais jovens exibindo níveis mais elevados, corroborando a pesquisa de Beutel et al. (2016).

Nesse sentido, os estudos têm investigado a PA entre estudantes universitários, destacando diferenças na prevalência e associações com idade e gênero. Assim, verifica-se que pessoas mais jovens apresentam uma maior tendência a procrastinar suas atividades acadêmicas (Danne et al., 2024; Umerenkova & Flores., 2017). Entretanto, ressalta-se que ainda não existe um consenso em relação à variável idade. Por exemplo, outras evidências sugerem que a variável idade não é relevante para explicar a PA (Nazari et al., 2021), incluindo pesquisa realizada no âmbito brasileiro (Silva et al., 2020).

Ainda, referente às variáveis demográficas, os estudos apontam variações na PA de estudantes universitários. O estudo levado a cabo por Babu et al. (2019), em uma amostra de estudantes de Bengaluru, observou diferenças significativas em relação ao gênero. Resultados similares são encontrados na Malásia (Kassim et al., 2022) e Turquia (Balkis, & Duru, 2017; Mocan, 2022), sendo reforçados pela metanálise realizada por Lu et al. (2022), indicando que os homens tendem a procrastinar mais do que as mulheres em termos gerais e acadêmicos. Entretanto, as pesquisas supracitadas divergem de outros estudos (Ajayi, 2020; Amoke et al., 2021), incluindo em amostra de universitários do Nordeste brasileiro (Silva et al., 2020), que sugerem o gênero como um preditor não significativo do comportamento de PA.

Em suma, os resultados conflitantes e heterogêneos relatados na literatura impossibilitam que sejam tiradas conclusões fidedignas em relação às variáveis em questão. Dito isso, cabe salientar que os estudos realizados no Brasil, apesar de serem escassos, demonstram diferentes resultados, os quais sugerem que as variáveis demográficas idade e gênero não contribuem para a explicação da PA (Silva et al., 2020, 2023). Tais resultados demonstram a necessidade de serem realizados estudos adicionais para traçar um perfil mais adequado de universitários brasileiros que praticam PA.

Nesse sentido, as pesquisas sobre procrastinação revelam nuances em relação aos seus antecedentes e consequentes. Por exemplo, enquanto um estudo de Shimamura et al. (2022) constatou uma relação entre status socioeconômico e a PA, as descobertas de Lu et al. (2022) sugerem que o comportamento procrastinador pode não variar significativamente com base nesse aspecto. No entanto, outros fatores sociais e psicológicos desempenham um papel importante. Nesse ínterim, verifica-se que indivíduos com maior percepção de importância social e autoeficácia tendem a procrastinar menos (Yeoh et al., 2022). Além disso, destaca-se a influência do ambiente familiar, por meio da parentalidade autoritária, para o desenvolvimento da PA (Chen et al., 2022), demonstrando que a procrastinação é um fenômeno influenciado por aspectos sociais, psicológicos e ambientais (Silva et al., 2021).

Ademais, a literatura tem demonstrado que diferentes variáveis podem ajudar a explicar a PA, como traços de personalidade, especificamente o neuroticismo (Dominguez Lara et al., 2019). Outros preditores são o perfeccionismo desadaptativo (Krispenz et al., 2019), medo do fracasso (Danne et al., 2024), falta de motivação, estresse, uso excessivo da internet e dificuldade de realizar tarefas (He, 2017). Sabe-se também que os pensamentos automáticos, juntamente às autocrenças disfuncionais (Plado & Michels, 2021), além da ACP (Núñez-Balladares & Gavilanes-Gómez, 2023), podem atuar como aspectos cognitivos que explicam a PA.

Dito isso, compreende-se que quanto mais elevada a ACP, pior o desempenho nas provas (Medeiros et al., 2020). Além disso, como estratégia para reduzir os sintomas ansiosos, o indivíduo procrastina suas atividades (Bolbolian et al., 2021). Isso reforça a premissa de que as emoções negativas podem funcionar como fatores de risco para o comportamento procrastinador (Behnagh & Ferrari, 2022; Yang et al., 2021). Nesse enfoque, o presente estudo objetivou verificar em que medida a ACP explica a PA, controlando o efeito influência das variáveis sexo e idade, em universitários do Brasil. Especificamente, esta pesquisa foca na ACP como um dos fatores que podem explicar a PA, o qual, muitas vezes, está associado a níveis mais elevados de ansiedade de provas (Silva et al., 2023).

## Método

### Participantes

Contou-se com uma amostra não probabilística (por conveniência) de 570 universitários de diferentes estados do nordeste brasileiro (a partir da técnica bola de neve), que estavam devidamente matriculados e frequentando aulas em alguma instituição de ensino superior ( $M_{idade} = 22,43$ ;  $DP = 5,43$ ; com idades variando de 18 a 56 anos). Esses eram em maioria mulheres (59,5%), de instituições públicas (59,8%), que cursavam Psicologia (41,8%) e Fisioterapia (11,1%). Os critérios de inclusão da pesquisa foram: ter no mínimo 18 anos, residir na região nordeste do Brasil e serem universitários. Os critérios de exclusão contemplaram pessoas que se encaixavam nos critérios de inclusão, mas se recusaram a participar da pesquisa.

### Instrumentos

*Escala de Ansiedade Cognitiva de Provas* (EACP). Instrumento elaborado por Cassady e Johnson (2002), a escala foi adaptada para o Brasil por Medeiros et al. (2020). A EACP reúne 16 itens, os quais avaliam um fator geral da ACP (e.g., item 01., “A preocupação pelas avaliações me tira o sono” e Item 03, “Durante as avaliações eu penso muito nas consequências de uma reprovação”). Estes são respondidos em escala do tipo *Likert*, variando entre 1 (nada frequente em mim) e 4 (muito frequente em mim).

Os itens foram analisados pelo software AMOS, versão 26, e, por meio da Análise Fatorial Confirmatória (AFC, com estimador *Weighted Least Square Mean and Variance Adjusted* [WLSMV]), foi corroborada a estrutura unifatorial, que apresentou ajuste de modelo adequado:  $\chi^2/gf = 4,76$ , CFI = 0,92; TLI = 0,93; RMSEA = 0,08 (IC90% = 0,07- 0,09;  $p < 0,001$ ). Na presente pesquisa, a EACP apresentou um coeficiente de consistência interna adequado ( $\alpha$  de *Cronbach* = 0,94). A sua pontuação global varia de 16 (mínima) a 64 (máxima). Quanto

maior a pontuação global do indivíduo, maior será o seu nível de ansiedade cognitiva em provas.

*Escala de Procrastinação de Tuckman (EPT)*. Elaborada por Tuckman (1991), foi adaptada para o Brasil por Couto et al. (2020), que objetivam medir de forma global a tendência de perder tempo, procrastinar e deixar de fazer as coisas que se deveria fazer. É composta por 14 itens, como (e.g. item 2 Adio o início das coisas que não gosto de fazer), nas quais quatro (itens 05, 07, 10 e 13) são codificados inversamente (e.g. item 5. Começo a trabalhar imediatamente, mesmo em atividades que eu acho desagradável.). Estes são respondidas em escala de cinco pontos tipo *Likert*, variando de 1 (Nunca) a 5 (Sempre). Por meio da AFC e do estimador WLSMV, foi possível observar uma adequação da estrutura unidimensional da medida, que apresentou adequado ajuste de modelo:  $\chi^2/ gl = 4,80$ , CFI = 0,92; TLI = 0,95; RMSEA = 0,08 (IC90% = 0,07- 0,10;  $p < 0,001$ ). Apresenta consistência interna significativa de  $\alpha$  de *Cronbach* = 0,79. A sua pontuação global varia de 14 (mínima) a 70 (máxima). Quanto maior a pontuação global do indivíduo, maior será o seu nível de procrastinação acadêmica.

*Questionário Sociodemográfico*. O questionário sociodemográfico foi composto por um grupo de perguntas que teve como principal objetivo caracterizar a amostra (e.g., sexo, idade, local de residência, tipo de instituição de ensino, curso etc).

## Procedimentos

A coleta ocorreu em ambiente virtual e foi efetivada por meio da plataforma *Google forms*, no qual foi disponibilizado um link divulgado em diferentes plataformas digitais (e.g., *Facebook*, *Telegram*, *Instagram*, *Twitter* e *WhatsApp*). Para tanto, foi considerada a técnica de “bola de neve” no recrutamento de participantes. Para todos que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa, foi esclarecido o propósito do estudo, além de assegurado o sigilo e anonimato das respostas, e que a participação na pesquisa não acarretaria ônus ou bônus direto, com a possibilidade de desistência a qualquer momento do estudo. Seguiram-se todos os procedimentos éticos de acordo com o que estabelecem as Resoluções 466/12 e 510/16 do CNS, sendo aprovado e autorizado por um Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos de uma instituição particular do nordeste brasileiro (CAAE: 60257122.9.0000.8133 Parecer: 5.577.736).

## Análise de dados

Os dados foram tabulados e analisados por meio do pacote estatístico SPSS – versão 25. Foram realizadas análises descritivas com o intuito de caracterizar a amostra. Posteriormente, realizaram-se análises de correlação e regressão linear múltipla hierárquica, visando conhecer o poder preditivo da ansiedade cognitiva de provas controlando as variáveis (idade e sexo) na procrastinação acadêmica.

## Resultados

Inicialmente, objetivou-se conhecer a relação entre a ACP e a PA. A princípio, destacam-se as médias e os desvios-padrões dos construtos em questão. Assim, ressalta-se que a média do constructo ACP ( $M = 2,68$ ,  $DP = 0,75$ ) teve valor acima da pontuação média da escala de resposta (2) e, por fim, foi observado que a pontuação da escala de PA ( $M = 3,11$ ,  $DP = 0,62$ )

também apresentou um valor acima da pontuação média da escala de resposta (2,5). Na sequência, foi realizada uma correlação de *Pearson*, a qual indicou uma relação positiva e significativa entre ACP e a PA ( $r = 0,37$ ;  $p < 0,001$ ). Portanto, quanto maior for o nível de ACP, maior tende a ser o nível de PA apresentado por esse público.

Posteriormente, visando complementar as análises acerca da relação entre as variáveis em questão, buscou-se verificar em que medida a ACP explicava a PA, controlando os efeitos das variáveis idade e sexo (1 = Masculino, 0 = Feminino). Nesse caso, realizou-se uma análise de regressão linear múltipla hierárquica, introduzindo como variável critério a PA; as variáveis demográficas idade e sexo entraram no primeiro bloco, enquanto a ACP foi introduzida no segundo bloco. Especificamente, as variáveis demográficas explicaram cerca de 5% da variância em PA [ $R = 0,23$ ,  $R^2$  ajustado = 0,05;  $F(2, 551) = 15,400$ ,  $p < 0,001$ ]; a inclusão da ACP elevou a explicação da PA para 18% [ $R = 0,43$ ,  $R^2$  ajustado = 0,18;  $F(3, 550) = 41,661$ ,  $p < 0,001$ ].

Por fim, no que diz respeito a cada variável em particular, entre as demográficas, a idade foi a única que contribuiu de forma significativa ( $\beta = -0,23$ ,  $t = -5,524$ ,  $p < 0,001$ ), não sendo significativa a contribuição da variável sexo ( $\beta = -0,02$ ,  $t = -0,573$ ,  $p > 0,05$ ). Em se tratando da ACP, quando controlado o efeito das variáveis demográficas, observa-se que essas variáveis em questão contribuem de maneira significativa para a explicação da PA ( $\beta = 0,37$ ,  $t = 9,447$ ,  $p < 0,001$ ). Os resultados estão descritos na Tabela 1.

**Tabela 1**

*Análise de Regressão Hierárquica dos Preditores da Procrastinação Acadêmica*

Variáveis	B	DP	$\beta$	Modelo
<b>Passo 1</b>				$F(2, 551) = 15,400^*$
Idade	-0,03	0,11	-0,23*	$R^2 = 0,05$
Sexo <sup>a</sup>	-0,03	0,05	0,02	
<b>Passo 2</b>				$F(3; 550) = 41,661^*$
Idade	-0,02	0,01	-0,19*	$R^2 = 0,18$
Sexo <sup>a</sup>	0,05	0,05	0,04	
Ansiedade Cognitiva de Provas	0,31	0,03	-0,37**	$\Delta R^2 = 0,13$

Nota.  $p < 0,001^*$ ; DP = desvio-padrão; <sup>a</sup>Masculino = 1, Feminino = 0.

## Discussão

O presente estudo teve por objetivo verificar em que medida a ACP explica a PA, controlando o efeito das variáveis sexo e idade, em universitários da região Nordeste do Brasil. Assim, reportando-se então a relação entre ACP e a PA, os resultados desta pesquisa fornecem evidências que corroboram que a variável demográfica idade e a ACP explicam o comportamento procrastinador dos estudantes universitários.

Inicialmente, buscou-se verificar se as variáveis demográficas (idade e sexo) eram preditoras da PA em universitários. Em relação à variável idade, os resultados a indicaram como um preditor significativo do comportamento procrastinador. Nessa perspectiva, os dados obtidos nesta pesquisa corroboram com as evidências que sugerem que pessoas mais jovens tendem a procrastinar mais do que pessoas mais velhas (Araoz et al., 2021; Formighieri et al., 2019; Khan et al., 2014; Liu et al., 2022; Steel, 2007). Entretanto, salienta-se que existe

um debate acadêmico acerca dessa influência, cabendo destacar que ainda é inconclusiva a influência da idade na PA, pois existem evidências que sugerem que a faixa etária não é um preditor significativo da PA (Fuente et al., 2021). Isso é reforçado em pesquisa realizada por Silva et al. (2020) com universitários nordestinos, que também sugeriu que a faixa etária não era um preditor significativo da PA.

Quanto à relação entre indivíduos mais novos e PA, isso pode ser justificado pelo fato de que, tradicionalmente, muitos estudantes universitários iniciam a faculdade após concluir o ensino médio, sendo, de maneira geral, jovens (Pedrelli et al., 2015). Adicionalmente, além da adaptação à vida universitária, existe a transição para a vida adulta (McClafferty et al., 2017). Ademais, estudantes mais velhos tendem a controlar mais seus impulsos e, no transcurso da graduação, costumam desenvolver melhores habilidades de estudo e administração do tempo, objetivando tirar boas notas nas avaliações (Araoz et al., 2021). Devido a tais evidências, sugere-se que pesquisas que elejam a PA como variável de desfecho continuem a explorar os efeitos da idade no comportamento procrastinador.

No que diz respeito à variável sexo dos participantes, não foram observados efeitos significativos na PA. Nesse domínio, sabe-se que, apesar de as pesquisas demonstrarem que majoritariamente os homens apresentam níveis mais elevados de comportamentos de PA em comparação com as mulheres (Khan et al., 2014), outros estudos sugerem que as mulheres tendem a procrastinar mais suas atividades acadêmicas (Özer et al., 2009). Além disso, existem evidências que apontam que a variável sexo do participante não é um preditor da procrastinação em universitários (Bolbolian et al., 2021). Esse resultado se alinha com pesquisa anterior, também realizada em estados do Nordeste brasileiro, que revelou que a variável sexo não está associada de forma significativa com a PA de universitários (Silva et al., 2022). Adicionalmente, isso também é corroborado pela pesquisa realizada por Fentaw et al. (2022), com universitários da Etiópia, que identificou que a procrastinação acontece independentemente do gênero e do tipo de instituição (pública e particular).

Sobre os resultados inconsistentes relatados na literatura, Lu et al. (2022) apontam que podem ocorrer em razão da forma que o fenômeno está sendo avaliado, como, por exemplo, em consequência do instrumento de medida, em função dos níveis educacionais e outras características que podem funcionar como possíveis moderadores da associação entre gênero e procrastinação. Ademais, Santos Rego et al. (2020) argumentam que as mulheres obtêm maiores índices de sucesso acadêmicos, pois adotam estratégias de aprendizagem e hábitos de estudo eficazes. Esse é outro fator que pode influenciar na relação entre gênero e PA. Tais evidências reforçam a necessidade de serem realizadas pesquisas complementares, visando determinar se em contexto brasileiro a PA não é influenciada pela variável sexo dos universitários. Dito isso, é necessário explorar outras regiões e estados brasileiros, para identificar um perfil mais detalhado de estudantes que praticam de forma mais acentuada os comportamentos de procrastinação.

Por fim, também foi verificado que a ACP é um preditor significativo da PA. Assim, os resultados da presente pesquisa reforçam que níveis mais acentuados de ACP estão relacionados a índices mais elevados de PA, como já evidenciado em outras pesquisas (Njuguna et al., 2022; Okoye & Oghenekaro, 2020). Essa relação é reportada na literatura, que aponta a PA como um comportamento que é utilizado em resposta à ACP, devido às preocupações e aos desconfortos emocionais provocados pelas situações de avaliação (Bolbolian et al., 2021).

No entanto, ressalta-se que a associação entre ACP e PA apresentou um valor modesto, indicando que outras variáveis podem impactar essa relação.

Dito isso, seria interessante considerar outras variáveis, como autoconceito estudantil, perfeccionismo e desempenho acadêmico. Por exemplo, sabe-se que a procrastinação está correlacionada negativamente com a autoavaliação dos estudantes sobre o seu desempenho acadêmico (Silva et al., 2020). Esse fator representa um modo de agir mais inseguro, preocupado e perfeccionista, o que possivelmente leva a uma postergação da tarefa até o momento em que não é mais possível adiá-la (Geara et al., 2017). Outrossim, os achados deste estudo reforçam a influência significativa dos fatores cognitivos na explicação da PA.

### Considerações Finais

Dado o exposto, estima-se que os objetivos da pesquisa tenham sido alcançados. Entretanto, como em todo empreendimento científico, esse não está isento de limitações, sendo necessário apontá-las. Assim, cita-se inicialmente a amostra, que foi restrita a universitários da região Nordeste do Brasil, fato que limita a generalização dos resultados para outras populações e contextos geográficos e culturais (Silva et al., 2022). Entretanto, salienta-se que não foi objetivo da pesquisa generalizar resultados, mas verificar possíveis variáveis que explicassem o comportamento procrastinador em universitários.

Além disso, apenas as variáveis demográficas idade e sexo foram controladas na análise de regressão, sendo necessário explorar outras variáveis, que podem ser igualmente importantes, como nível socioeconômico e fatores sociais, a exemplo da escolaridade dos pais (Fuente et al., 2021). Outra limitação refere-se à distribuição amostral em relação ao sexo (homem e mulher), que não foi equitativa. Esse desequilíbrio não é incomum em pesquisas sobre a temática da procrastinação; fato que, apesar de não interferir nos resultados da presente pesquisa, aponta para a necessidade de serem realizadas pesquisas adicionais, para verificar possíveis associações, incluindo, por exemplo, identidades de gênero (Rahimi et al., 2023).

Por fim, outra limitação deste estudo refere-se ao caráter transversal da pesquisa, que impede que se determine causalidade (Silva et al., 2022). Nesse âmbito, sabe-se da importância de serem realizadas pesquisas com desenhos longitudinais e/ou experimentais. Isso favoreceria que fossem observadas conclusões sobre direção e causalidade das relações entre variáveis, que é de particular importância para elaboração de um modelo de mediação (Oflazian & Borders, 2023; Wang, 2021).

Nessa linha, verifica-se a necessidade de serem realizadas pesquisas futuras, visando aprofundar as temáticas em questão em diferentes contextos e utilizando diferentes metodologias. Nesse sentido, Flett et al. (2016) sugerem que sejam explorados fatores cognitivos que representam riscos para o comportamento procrastinador, como pensamentos ruminativos e pensamentos automáticos, bem como fatores de proteção, como resiliência, atenção plena e autocompaixão. Além disso, é crucial incluir a regulação emocional, uma vez que as emoções desempenham um papel importante na capacidade de organização interna e externa, podendo contribuir para os mecanismos que relacionam a ACP e o comportamento procrastinador. Conhecer as possíveis relações entre PA e emoções dos universitários, especialmente, a ansiedade, pode possibilitar que sejam elaboradas intervenções mais eficazes, principalmente aquelas pautadas na regulação emocional (Behnagh & Ferrari, 2022; Silva et al., 2022).

Em suma, os resultados deste estudo confirmaram a existência de uma relação positiva e significativa entre a ACP e a PA em estudantes universitários da região nordeste do Brasil. Assim, demonstrou-se que a ACP desempenha um papel relevante na PA em estudantes universitários do Nordeste brasileiro. Notavelmente, a idade foi a única variável demográfica que contribuiu significativamente para a explicação da PA, sugerindo que estudantes mais jovens tendem a procrastinar com mais frequência nas atividades acadêmicas.

### Referências

- Ajayi, O. S. (2020). Academic self-efficacy, gender and academic procrastination. *Epiphany Journal of Transdisciplinary Studies*, 13, 75–84. <http://dx.doi.org/10.21533/epiphany.v13i1.324>
- Amoke, C. V., Ede, M. O., Umeano, C. E., Okeke, C. I., Onah, S. O., Ezeah, M. A., & Nwaogaidu, J. C. (2021). Interaction Effect of Gender on Academic Procrastination and Achievement Orientation among In-School Adolescents. *International Journal of Higher Education*, 10(6), 202–212. <https://doi.org/10.5430/ijhe.v10n6p202>
- Araoz, E. G., Ramos, N. A. G., & Huaypar Loayza, K. H. (2021). Procrastinación académica en estudiantes peruanos de educación superior pedagógica. *Revista CPI Ciências Pedagógicas e Innovacion*, 8(2), 57–65. <https://doi.org/10.26423/rcpi.v8i2.382>
- Babu, P., Chandra, K. M., Vanishree, M. K., & Amritha, N. (2019). Relationship between academic procrastination and self-esteem among dental students in Bengaluru City. *Journal of Indian Association of Public Health Dentistry*, 17(2), 146–151. [https://doi.org/10.4103/jiaphd.jiaphd\\_182\\_18](https://doi.org/10.4103/jiaphd.jiaphd_182_18)
- Balkis, M., & Duru, E. (2017). Gender differences in the relationship between academic procrastination, satisfaction with academic life and academic performance. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 15(1), 105–125. <https://doi.org/10.14204/ejrep.41.16042>
- Behnagh, R. F., & Ferrari, J. R. (2022). Exploring 40 years of affective correlates of procrastination: A review of the situational and dispositional literature. *Current Psychology*, 41, 1097–1111. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-02653-z>
- Beutel, M. E., Klein, E. M., Aufenanger, S., Brähler, E., Dreier, M., Müller, K. W., Quiring, O., Reinecke, L., Schmutzer, G., Stark, B., & Wölfling, K. (2016). Procrastination, Distress and Life Satisfaction across the Age Range – A German Representative Community Study. *PloS one*, 11(2), e0148054. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0148054>
- Bolbolian, M., Asgari, S., Sefidi, F., & Zadeh, A. S. (2021). The relationship between test anxiety and academic procrastination among the dental students. *Journal of Education and Health Promotion*, 10 1-6. [https://doi.org/10.4103/jehp.jehp\\_867\\_20](https://doi.org/10.4103/jehp.jehp_867_20)
- Cassady, J. C., & Johnson, R. E. (2002). Cognitive test anxiety and academic performance. *Contemporary Educational Psychology*, 27(2), 270–295. <https://doi.org/10.1006/ceps.2001.1094>
- Chen, W., Yang, X., & Jiao, Z. (2022). Authoritarian parenting, perfectionism, and academic procrastination. *Educational Psychology*, 42, 1145–1159. <https://doi.org/10.1080/01443410.2021.2024513>
- Couto, R. N., Fonseca, P. N., Silva, P. G. N., Medeiros, E. D., & Carvalho, T. A. (2020). Versão brasileira da Tuckman Procrastination Scale: Adaptação e evidências psicométricas.

- Interamerican Journal of Psychology*, 54(3), 863. <https://doi.org/10.30849/ripijp.v54i3.863>
- Danne, V., Gers, B., & Altgassen, M. (2024). Is the Association of Procrastination and Age Mediated by Fear of Failure?. *Journal of Rational-Emotive & Cognitive-Behavior Therapy*. <https://doi.org/10.1007/s10942-023-00527-w>
- Dominguez-Lara, S., Prada-Chapoñan, R., & Moreta-Herrera, R. (2019). Diferenças de gênero na influência da personalidade sobre a procrastinação acadêmica em estudantes universitários peruanos. *Acta Colombiana de Psicología*, 22(2), 137–147. <https://doi.org/10.14718/ACP.2019.22.2.7>
- Fentaw., Y., Moges, B. T., & Ismail, S. M. (2022). Academic procrastination behavior among public university students. *Education Research International*, 5, 1–8. <https://doi.org/10.1155/2022/1277866>
- Flett, A. L., Haghbin, M., & Pychyl, T. A. (2016). Procrastination and depression from a cognitive perspective: An exploration of the associations among procrastinatory automatic thoughts, rumination, and mindfulness. *Journal of Rational-Emotive & Cognitive-Behavior Therapy*, 34, 169–186. <https://doi.org/10.1007/s10942-016-0235-1>
- Formighieri, T. P., Silva, S. C., Vesco, D. G., Cavichioli, D., & Carvalho, S. (2019). Níveis de procrastinação e autorregulação dos estudantes das gerações x, y e z: Um estudo comparativo entre Brasil e Portugal nos cursos das áreas empresariais. *Portuguese Journal of Finance, Management and Accounting*, 5(10), 50–78. <http://u3isjournal.isvouga.pt/index.php/PJFMA>
- Fortes, A. B., & Barbosa, M. (2018). O modelo cognitivo-comportamental da procrastinação acadêmica: Uma revisão da literatura. *RBP Revista Brasileira de Psicoterapia*, 20(1), 61–67. [http://rbp.celg.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=239](http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=239)
- Fuente, J., Malpica-Chavarria, E. A., Garzón-Umerenkova, A., & Pachón-Basallo, M. (2021). Effect of personal and contextual factors of regulation on academic achievement during adolescence: the role of gender and age. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(17), 8944. <https://doi.org/10.3390/ijerph18178944>
- Geara, G. B., Filho, N. H., & Teixeira, M. A. P. (2017). Construção da escala de motivos da procrastinação acadêmica. *Psico*, 48(2), 140–151. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2017.2.24635>
- González-Brignardello, M. P., Sánchez-Elvira Paniagua, A., & López-González, M. Á. (2023). Academic Procrastination in Children and Adolescents: A Scoping Review. *Children*, 10(6), 1016. <https://doi.org/10.3390/children10061016>
- Gyasi, F., & Bedu-Addo, P. K. A. (2023). Determinants of test anxiety among undergraduate students in Ghana. *International Journal of Research and Innovation in Social Science*, 7(1), 1281–1288. <https://ideas.repec.org/a/bcp/journal/v7y2023i1p1281-1288.html>
- He, S. (2017). A multivariate investigation into academic procrastination of university students. *Open Journal of Social Sciences*, 5(10), 12. <https://doi.org/10.4236/jss.2017.510002>
- Huntley, C., Young, B., Smith, C. T., Jha, V., & Fisher, P. (2022). Testing times: The association of intolerance of uncertainty and metacognitive beliefs to test anxiety in college students. *BMC Psychology*, 10, 6. <https://doi.org/10.1186/s40359-021-00710-7>
- Jerrim, J. (2023). Test anxiety: Is it associated with performance in high-stakes examinations? *Oxford Review of Education*, 49(3), 321–341. <https://doi.org/10.1080/03054985.2022.2079616>

- Kassim, F., Samiun, N., Ahmad, N., Ahmad Zamri, N., & Kamarulzaman, W. (2022). Gender Difference in Procrastination Among University Students. *Asian Journal Of Research In Education And Social Sciences*, 4(3), 11–22. <https://myjms.mohe.gov.my/index.php/ajress/article/view/19394>
- Khan, M. J., Arif, H., Noor, S. S., & Muneer, S. (2014). Academic procrastination among male and female University and College Students. *FWU Journal of Social Sciences*, 8, 65–70. <http://sbbwu.edu.pk/journal/FWUJournal,Winter%202014%20Vol.8,No.2/9.%20Academic%20Procrastination%20among%20.pdf>
- Krispenz, A., Gort, C., Schültke, L., & Dickhäuser, O. (2019). How to reduce test anxiety and academic procrastination through inquiry of cognitive appraisals: A pilot study investigating the role of academic self-efficacy. *Frontiers in psychology*, 10, 1917. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01917>
- Kuftyak, E. (2021). Procrastination, stress and academic performance in students. *Alpha Proceedings*, 5, 965–974. <https://doi.org/10.3897/ap.5.e0965>
- Liu, F., Xu, Y., Yang, T., Li, Z., Dong, Y., Chen, L., & Sun, X. (2022). The mediating roles of time management and learning strategic approach in the relationship between smartphone addiction and academic procrastination. *Psychology Research and Behavior Management*, 2639–2648. <https://doi.org/10.2147/PRBM.S373095>
- Lu, D., He, Y., & Tan, Y. (2022). Gender, Socioeconomic Status, Cultural Differences, Education, Family Size and Procrastination: A Sociodemographic Meta-Analysis. *Frontiers in Psychology*, 12, 719425. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.719425>
- McLafferty, M., Lapsley, C. R., Ennis, E., Armadura, C., Murphy, S., Bunting, B. P., Bjourson, A. J., Murray, E. K., & O’Nei, S. M. (2017). Mental health, behavioural problems and treatment seeking among students commencing university in Northern Ireland. *PLOS ONE, San Francisco*, 2(12), e0188785. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0188785>
- Medeiros, E. D., Silva, P. G. N., Medeiros, P. C. B., Sousa, G. M., Nunes, C. C., Fonsêca, P. N., & Gomes, E. B. (2020). Cognitive Test Anxiety Scale: Propriedades psicométricas no contexto brasileiro. *Salud & Sociedad*, 11, e3923. <https://doi.org/10.22199/issn.0718-7475-2020-0004>
- Mocan, M. D. K. (2022). Change of Academic Procrastination by Demographic Characteristics: A Research on University Students. *Journal of Research in Higher Education*, 1, 109–129. <https://doi.org/10.24193/JRHE.2022.1.5>
- Möcklinghoff, S., Rapoport, O., Heckel, C., Messerschmidt-Grandi, C., & Ringeisen, T. (2023). Relationships between achievement goal orientations, multidimensional test anxiety, and performance—In conclusion, every facet counts. *Learning and Individual Differences*, 102, 102269. <https://doi.org/10.1016/j.lindif.2023.102269>
- Nazari, S., Ajorpaz, N. M., Sadat, Z., Hosseinian, M., & Esalatmanesh, S. (2021). The relationship between academic procrastination and depression in students at Kashan University of Medical Sciences. *International Archives of Health Sciences*, 8(3), 154–158. [https://doi.org/10.4103/iahs.iahs\\_1\\_21](https://doi.org/10.4103/iahs.iahs_1_21)
- Njuguna, M. N., Mwangi, C. N., & Ireri, A. M. (2022). Antecedents Of Academic Procrastination And Its Relationship To Academic Achievement In Kiambu County, Kenya. *International Journal of Innovative Research and Advanced Studies*, 9(2), 1–9. [https://www.ijiras.com/2022/Vol\\_9-Issue\\_2/paper\\_5.pdf](https://www.ijiras.com/2022/Vol_9-Issue_2/paper_5.pdf)

- Núñez-Balladares, K. R., & Gavilanes-Gómez, D. (2023). Procrastinación académica y ansiedad ante exámenes en estudiantes universitarios: Academic Procrastination and test anxiety in college students. *LATAM Revista Latinoamericana De Ciencias Sociales Y Humanidades*, 4(1), 1550–1559. <https://doi.org/10.56712/latam.v4i1.358>
- Ocansey, G., Addo, C., Onyeaka, H. K., Andoh-Arthur, J., & Asante, K. O. (2022). The Influence of Personality Types on Academic Procrastination Among Undergraduate Students. *International Journal of School & Educational Psychology*, 10(3), 360–367. <https://doi.org/10.1080/21683603.2020.1841051>
- Oflazian, J. S., & Borders, A. (2023). Does rumination mediate the unique effects of shame and guilt on procrastination? *Journal of Rational-Emotive & Cognitive-Behavior Therapy*, 41(2), 237–246. <https://doi.org/10.1007/s10942-022-00466-y>
- Okoye, K. R. E., & Oghenekaro, M. (2020). Relationship between Self-Esteem, Academic Procrastination and Test Anxiety with Academic Performance of Graduate Students in Education (PGDE) in Delta. *International Scholars Journal of Arts and Social Science Research*, 3, 1–11. <https://ssrn.com/abstract=3542761>
- Özer, B. U., Demir, A., & Ferrari, J. R. (2009). Exploring academic procrastination among Turkish students: Possible gender differences in prevalence and reasons. *The Journal of Social Psychology*, 149(2), 241–257. <https://doi.org/10.3200/SOCP.149.2.241-257>
- Pedrelli, P., Nyer, M., Yeung, A., Zulauf, C., & Wilens, T. (2015). College students: Mental health problems and treatment considerations. *Academic Psychiatry*, 39(5), 503–511. <https://dx.doi.org/10.1007%2Fs40596-014-0205-9>
- Plado, L. M., & Michels, M. S. (2021). Os aspectos cognitivos e ambientais que influenciam a procrastinação acadêmica de estudantes de psicologia. *Humanidades e Inovação*, 8(44), 111–123. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3577>
- Putwain, D. W., & Aveyard, B. (2018). Is perceived control a critical factor in understanding the negative relationship between cognitive test anxiety and examination performance? *Liverpool John Moores University Research Online*, 33(1), 65–74. <https://doi.org/10.1037/spq0000183>
- Putwain, D. W., Jansen in de Wal, J., & van Alphen, T. (2023). Academic Buoyancy: Overcoming Test Anxiety and Setbacks. *Journal of Intelligence*, 11(3), 42. <https://doi.org/10.3390/jintelligence11030042>
- Rahimi, S., Hall, N. C., & Sticca, F. (2023). Understanding academic procrastination: A longitudinal analysis of procrastination and emotions in undergraduate and graduate students. *Motivation and Emotion*, 47, 554–574. <https://doi.org/10.1007/s11031-023-10010-9>
- Randelović, D., Vujičić, M., & Nikolić, G. (2021). Relationships between personality traits, negative affectivity and procrastination in high school students. *Vojnosanitetski pregled*, 78(9), 928–934. <https://doi.org/10.2298/VSP191014141R>
- Santos Rego, M. Á., Lorenzo Moledo M., Priegue Caamaño D., & Torrado Quintela J. (2020). Variaciones en los hábitos de estudio en función del género y origen étnico-cultural del alumnado y su relación con el rendimiento escolar. *Revista Complutense de Educación*, 31(2), 1631–171. <https://doi.org/10.5209/rced.62000>
- Shimamura, M., Matsuyama, Y., Morita, A., & Fujiwara, T. (2022). Association between procrastination in childhood and the number of remaining teeth in Japanese older adults. *Journal of Epidemiology*, 32(10), 464–468. <https://doi.org/10.2188/jea.JE20200366>

- Silva, P. G. N., Araújo, R. S., Araújo, G. R., Alves, M. E. S., Medeiros, P. C. B., Fonseca, P. N., & Medeiros, E. D. (2022). Ansiedade cognitiva de provas em universitários do Brasil: O papel das variáveis sociodemográficas e traços de personalidade. *Portuguese Journal of Behavioral & Social Research*, *8*(1), 2–17. <https://doi.org/10.31211/rpics.2022.8.1.246>
- Silva, P. G. N., Santos, P. F., Araújo, G. R., Cunha, L. R. L., Neres, S. M. I., Oliveira, L. B. S., Medeiros, P. C. B., Araújo, G. O., Silva, A. C. M. M., & Medeiros, E. D. (2023). Ansiedade cognitiva de provas e procrastinação acadêmica: Um estudo com universitários do Brasil. *DEDiCA Revista de Educação e Humanidades*, *21*, 415–439. <https://doi.org/10.30827/dreh.21.2023.28783>
- Silva, P. G. N. D., Machado, M. D. O. S., Oliveira, L. B. S. D., & Fonsêca, P. N. D. (2020). Motivação para leitura e variáveis sociodemográficas como preditoras da procrastinação acadêmica. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, *10*(1), 139–159. <https://doi.org/10.26864/pcs.v10.n1.7>
- Steel, P. (2007). The nature of procrastination: A metaanalytical and theoretical review of quintessential self – regulatory failure. *Psychological Bulletin*, *133*(1), 65–94. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.133.1.65>
- Stefan, A., Berchtold, C. M., & Angstwurm, M. (2020). Translation of a scale measuring cognitive test anxiety (G-CTAS) and its psychometric examination among medical students in Germany. *GMS Journal for Medical Education*, *37*(5), 1-15. <https://www.egms.de/static/en/journals/zma/2020-37/zma001343.shtml>
- Stricker, J., Schneider, M., & Preckel, F. (2022). Concurrent and predictive relations of multidimensional perfectionism with test anxiety in secondary school students. *Anxiety, Stress, & Coping*, *36*(2), 137–146. <https://doi.org/10.1080/10615806.2022.2056165>
- Tan, S. H., & Pang, J. S. (2023). Test Anxiety: An Integration of the Test Anxiety and Achievement Motivation Research Traditions. *Educational Psychology Review*, *35*(1), 13. <https://doi.org/10.1007/s10648-023-09737-1>
- Tuckman, B. W. (1991). The development and concurrent validity of the Procrastination Scale. *Educational and Psychological Measurement*, *51*, 473–480. <https://doi.org/10.1177/0013164491512022>
- Umerenkova, A. G., & Flores, J. G. (2017). El papel de la procrastinación académica como factor de la deserción universitaria/The role of academic procrastination as factor of university abandonment. *Revista Complutense de Educación*, *28*(1), 307. [http://dx.doi.org/10.5209/rev\\_RCED.2017.v28.n1.49682](http://dx.doi.org/10.5209/rev_RCED.2017.v28.n1.49682)
- Wang, Y. (2021). Academic procrastination and test anxiety: A cross-lagged panel analysis. *Journal of Psychologists and Counsellors in Schools*, *31*(1), 122–129. <https://doi.org/10.1017/jgc.2020.29>
- Yang, X., Liu, R. D., Ding, Y., Hong, W., & Jiang, S. (2021). The relations between academic procrastination and self-esteem in adolescents: A longitudinal study. *Current Psychology*, *42*(1), 1–15. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-02075-x>
- Yeoh, Hong, & Prihadi, (2022). Efficacy, expectancy, or the sense of mattering? Academic procrastination in online study. *International Journal of Evaluation and Research in Education (IJERE)*, *11*(3), 1311–1317. <https://doi.org/10.11591/ijere.v11i3.22964>

Recebido em: 21/07/2023

Última revisão: 12/02/2024

Aceite final: 11/03/2024

### Sobre os autores:

**Gleyde Raiane de Araújo:** [Autora para contato]. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Psicóloga graduada pela Faculdade Piauiense (FAP).; Atualmente, é professora universitária na Faculdade Ieducare (FIED) e no Centro Universitário Inta (UNINTA), campus Tianguá. Integrante do Laboratório de Avaliação Psicológica e Psicometria do Piauí (LABAP). Coordenadora do Laboratório de Estudo e Pesquisa em Terapias Cognitivo-Comportamentais. **E-mail:** gleydearaujo@hotmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-0680-1250>

**Gustavo Oliveira de Araujo:** Graduado em Psicologia pela Faculdade Ieducare (FIED). **E-mail:** psigustavooliveiraa@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-1396-1025>

**Paulo Gregório Nascimento da Silva:** Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Psicologia pela Universidade do Vale do São Francisco (UNIVASF). Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atualmente, realiza estágio Pós-Doutoral em Psicologia na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). **E-mail:** silvapgn@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-2878-309X>

**André Sousa Rocha:** Mestre em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF). Psicólogo pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário UNINTA, Campus Itapipoca. **E-mail:** andresousarocha9@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-0185-9699>

**Jocélia Medeiros Ximenes:** Mestre em Psicologia e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduada em Psicologia pela UFC. Professora Universitária do Centro Universitário INTA (UNINTA), Sobral, CE. Atualmente, é coordenadora da Liga Acadêmica sobre Neurociência e Comportamento (LANeC). **E-mail:** jocelia.ximenes@uninta.edu.br, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-9850-4423>

**Láís Renata Lopes da Cunha:** Graduanda no curso de Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Atualmente, é bolsista do Programa de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI). Integrante do Laboratório de Avaliação Psicológica e Psicometria do Piauí (LABAP). **E-mail:** laisrenatafju@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-0832-2680>

**Paloma Cavalcante Bezerra de Medeiros:** Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora adjunta II do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Mestrado), na UFDPAr, Parnaíba, Piauí, Brasil. Coordenadora do Laboratório de Neurociência e Psicologia Social (LaNPSo) e do Núcleo de Neurociência Social Pesquisa Intervenção Cognitivo Comportamental (NNeSPICC). **E-mail:** palomacbmedeiros@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-5868-8333>

**Emerson Diógenes de Medeiros:** Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor associado III do curso de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia (Mestrado) da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Líder do Laboratório de Avaliação Psicológica e Psicometria do Piauí (LABAP). **E-mail:** emersondiogenes@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-1407-3433>